

A REPRESENTAÇÃO FEMININA NO RELATO DE SAINT-HILAIRE SOBRE JARAGUÁ-GO

THE FEMALE REPRESENTATION IN SAINT-HILAIRE'S STORY ABOUT JARAGUÁ-GO

Lúcia Gonçalves de Freitas

Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB). Foi bolsista PDEE/CAPEs, tendo sido pesquisadora visitante no Center for Advanced Research in English, na Universidade de Birmingham, Inglaterra. Atualmente, é professora da Universidade Estadual de Goiás (UEG), professora do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologia (PPG-IELT/UEG). Foi Coordenadora de Pesquisa da UEG-Jaraguá de 2003 a 2019. Lidera o GUARÁ- Grupo de Estudos de Jaraguá, onde desenvolve pesquisas interdisciplinares que, a partir do campo da Linguística Aplicada, especialmente dos Estudos Discursivos, transversalizam temas como violência, gênero, cultura, políticas públicas, patrimônio e áreas como Educação, Tecnologia e Direito. Atualmente é coordenadora de uma ação extensionista que desenvolve a Biblioteca dos Saberes Jaraguenses.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6936306486720882>

Gabrielle Ribeiro de Oliveira

Graduada em Gestão em Segurança Pública e é acadêmica de Pedagogia na UEG (Universidade Estadual de Goiás) no Câmpus de Jaraguá. Foi bolsista pela PIBIC/UEG. Desenvolveu pesquisas de Iniciação Científica na intersecção entre Estudos de Gênero e Educação. Participa o Grupo de Estudos de Jaraguá- Guará.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7489033673811033>

RESUMO

Este trabalho foca a representação de mulheres no relato de viagem do naturalista francês Auguste François César Prouvençal de Saint-Hilaire, na obra “Viagem às Nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goyas”, em sua passagem por Jaraguá-GO, no século XIX. Com base nas noções de discurso (FAIRCLOUGH, 2001); gênero de discurso (BAKHTIN, 2003) e colonialidade de gênero (LUGONES, 2014), discute-se a forma como foi registrada uma das primeiras representações escritas sobre as mulheres desse município goiano.

Palavras-chave: mulheres; discurso; gênero; colonialidade; Jaraguá.

ABSTRACT

This work focuses on the representation of women in the travel report of the French naturalist Auguste François César Prouvençal de Saint-Hilaire, in the work “Journey to the Sources of the São Francisco River and through the Province of Goyas”, in his passage through Jaraguá-GO, in the nineteenth century. Based on notions of discourse (FAIRCLOUGH, 2001); discourse genres (BAKHTIN, 2003) and coloniality of gender (LUGONES, 2014), this article analyzes one of the first written representations about women in this municipality of Goiás.

Keywords: women; discourse; gender; coloniality; Jaraguá.

INTRODUÇÃO

Este artigo foi gerado a partir de nossas primeiras incursões pelo projeto de pesquisa “Catálogo: mulheres jaraguenses e seus empreendimentos”, desenvolvido com apoio do Programa de Iniciação Científica e Tecnológica da Universidade Estadual de Goiás. O estudo está realizando um levantamento dos “empreendimentos” femininos na cidade de Jaraguá, interior de Goiás, em fontes bibliográficas, históricas e narrativas orais, para analisar a representação das mulheres desse município, suas identidades e sua agência no discurso local.

A compreensão de empreendimento que adotamos, aqui, é pautada pela noção de impulso criativo (COSTA, BARROS e CARVALHO, 2011) e diligente que impacta a condição de vivência das pessoas. É uma noção dissociada das naturalizações providas pelo discurso empresarial, que vê o empreendedor como o protagonista de novos negócios (OLIVEIRA, MOITA e AQUINO, 2016). Nessa perspectiva, a totalidade das atuações femininas, nos seus diferentes contextos privado, familiar, doméstico e nas variadas esferas públicas é vista como empreendimentos, uma vez que, em conjunto, as ações demandam diligência, criatividade e têm sempre impacto na vivência e reflexo econômico.

É amplamente sabido que as estruturas sociais e de poder hierarquizado da nossa sociedade historicamente invisibilizam as mulheres e seus feitos de um modo geral. O contexto jaraguense, a exemplo de inúmeras cidades brasileiras, não foge a essa realidade e, ao contrário, suas condições específicas herança colonial de exploração, escravização e, posteriormente, o empreendimento coronelista em certa medida, chegam até a intensificá-la. Tal assertiva se pautar na observação realizada nesta pesquisa, sobre como as mulheres de Jaraguá são representadas nos principais livros e narrativas históricas e que revelou uma aparição feminina pouco expressiva.

O levantamento prévio demandou uma busca por escritos que descrevessem Jaraguá e sua gente, desde a gênese da cidade, que remonta ao século XVIII (FREITAS e OLIVEIRA, 2020). Nesse sentido, o relato do viajante Saint-Hilaire (1937), que tomamos para discussão neste texto, integra nosso levantamento como uma das fontes mais antigas e relevantes sobre a formação da cidade em foco no período colonial/imperial. O naturalista percorreu diversos estados brasileiros no século XIX, dentre eles o estado de

Goiás, oportunamente fazendo uma passagem pelo povoado que posteriormente se constituiu como a cidade de Jaraguá.

Este texto toma o relato desse viajante, destaca os trechos em que ele faz menção às mulheres locais, e discute com base nas noções de discurso (FAIRCLOUGH, 2001); gênero de discurso (BAKHTIN, 2003) e colonialidade de gênero (LUGONES, 2014), a forma como foi registrada uma das primeiras representações das mulheres de Jaraguá. Embora este texto trate de um contexto local bem específico, ele expõe aspectos relevantes para uma melhor compreensão sobre os processos de constituição de sujeitos, com foco nas mulheres, de países cuja história é marcada pela colonização europeia, com suas dinâmicas de exploração econômica e escravização de indígenas e africanos.

DIRECIONAMENTOS TEÓRICOS: GÊNERO “RELATO DE VIAGEM” E “COLONIALIDADE DE GÊNERO”

O principal direcionamento teórico que apoia nossa pesquisa advém do campo de Estudos de Linguagem, tendo como marco referencial a noção de “discurso” de Norman Fairclough (2001) e a de “gênero de discurso” de Bakhtin (2003). O primeiro autor, ele próprio influenciado pelas proposições bakhtinianas, assume que a linguagem toma a forma de prática social e não é puramente uma atividade individual ou um reflexo de variáveis situacionais. Assim, o discurso é um modo de ação e implica uma relação dialética entre a linguagem e a estrutura social.

A prática discursiva é moldada por quem fala, para quem se fala, em que período é falado, entre outras variáveis. Sob tal perspectiva, os discursos firmemente constroem “identidades sociais” e “posições de sujeito” para os “sujeitos” sociais e os tipos de “eu”. Isso porque, os discursos estão impregnados de ideologias que constroem a ideia de coletividade.

À essa noção de discurso, alia-se o conceito bakhtiniano sobre os gêneros do discurso (BAKHTIN, 2003), que seriam as formas-padrão de qualquer enunciado e que são determinadas sócio-historicamente. Isso porque, ao nos comunicarmos, falando ou escrevendo, sempre o fazemos através de gêneros do discurso, ou seja, por meio de estruturas “relativamente estáveis”, como conversa informal, entrevista, cartas, diários etc. Na realidade temos um imenso repertório de gêneros, ainda que nem nos demos

conta disso. No entanto, nos atos mais informais, como as conversas de almoço de domingo, por exemplo, o discurso é moldado pelo gênero em uso e sempre sob um enquadre social regulado por classe, geração, regionalidade, raça, gênero etc.

Neste artigo, vamos analisar a linguagem de um viajante do século XIX que está estruturada no gênero de discurso “relato de viagem”. Relatos de viagens são uma das formas mais antigas de literatura e deram origem a reflexões sobre as diferenças existentes nas sociedades humanas. Do início do século XV em diante, com a expansão mercantilista, muitas expedições foram financiadas por europeus, que enviaram exploradores a regiões com potencial de obtenção de lucro, como as Américas, África e Oceania, dentro de um projeto colonial e imperialista. Mas só a partir do século XVIII as viagens passaram a ser financiadas sob o pretexto da busca de conhecimento científico.

Após a instalação da Corte Portuguesa no Brasil, inúmeras transformações se deram, como a abertura dos portos ao comércio e a chegada dos viajantes. As novas ideias estrangeiras passam a investigar a natureza “brasílica”. Muitos viajantes possuíam uma condição de “hóspedes oficiais” e tinham certa liberdade para escolher os lugares a serem visitados, explica Schemes (2015).

De todos os viajantes que passaram pelo Brasil, após a instalação da corte de João VI, Saint-Hilaire é um dos que obteve maior destaque. Sua obra é vista como uma fonte excepcional e obrigatória pelos especialistas de diversas áreas, possuindo por volta de três mil páginas que relatam suas expedições e dão origem a mil quatrocentos e vinte e sete documentos oficiais, como decisões, legislações e papéis diplomáticos, e setecentos e vinte títulos. Sendo que as quatro partes de *Voyages dans l'intérieur du Brésil* foram publicadas por diferentes editoras de Paris, pelos anos de 1830 a 1851.

O relato de viagem é uma fonte documental, mas é também uma literatura de viagem, algo situado, portanto, em algum lugar entre a História e a Literatura (SCHEMES, 2015). Esse caráter de gênero híbrido atribui aos relatos oficiais e científicos uma permeabilidade da “escrita de si”, própria do gênero diário ou dos subgêneros biografia e autobiografia. Mas, ao se levar em conta a história de vida de um viajante, o que se deve ressaltar é a dimensão verbal diretamente influenciada pelo contexto de inserção social deste e seus vínculos de identidade.

Segundo Schemes (2015), é preciso compreender a escrita de viagem não apenas como o registro de uma trajetória transcurso sob uma perspectiva de plena objetividade. Importa captar a experiência de alteridade do viajante, seu estranhamento

frente ao inesperado, bem como os estereótipos que ele pode reforçar a partir dessa mesma alteridade. Importa, ainda, analisar a narrativa em face ao contexto de situação, em torno de que o discurso circula, e entender o momento, ou o tempo, em que aconteceu a comunicação.

Ao nos dispor a analisar como mulheres de Jaraguá foram representadas no relato de um viajante europeu no século XIX, lançamos mão, além desses conceitos chave sobre discurso e gênero de discurso, da noção de colonialidade de gênero, conforme María Lugones (2014). A autora compreende que a visibilização das relações de poder entre homens e mulheres que constroem a desigualdade entre os sexos ao longo da história, conforme se tem teorizado pela categoria gênero nos estudos feministas, é insuficiente para se entender a lógica opressiva da modernidade colonial. Ela explica que, para além da dicotomia homem/mulher, a colonização das Américas e do Caribe, criou uma distinção dicotômica, hierárquica entre humano e não humano, que foi imposta sobre os/as colonizados/as a serviço do homem ocidental. Ela enfatiza que:

Os povos indígenas das Américas e os/as africanos/as escravizados/as eram classificados/as como espécies não humanas – como animais, incontrolavelmente sexuais e selvagens. O homem europeu, burguês, colonial moderno tornou-se um sujeito/ agente, apto a decidir, para a vida pública e o governo, um ser de civilização, heterossexual, cristão, um ser de mente e razão (LUGONES, 2014, p. 936).

Sob o quadro conceitual de gênero imposto, os europeus brancos burgueses eram civilizados e plenamente humanos e essa marca de humanidade, funcionou como ferramenta normativa para condenar os/as colonizados/as, cujas “personalidades/almas eram julgadas como bestiais, portanto não gendradas, promíscuas, grotescamente sexuais e pecaminosas” (LUGONES, 2014 p. 937).

Ao pensar a colonialidade do gênero, a autora busca complexificar a compreensão da própria categoria gênero como tem sido teorizada nas diferentes áreas das humanidades e mais especificamente nos estudos sobre mulheres. O termo colonialidade de gênero, nesse sentido, visa,

[...] nomear não somente uma classificação de povos em termos de colonialidade de poder e de gênero, mas também o processo de redução ativa das pessoas, a desumanização que as torna aptas para a classificação, o processo de sujeitificação e a investida de tornar o/a colonizado/a menos que seres humanos. (LUGONES, 2014, p. 939).

Como expusemos até aqui, as noções discurso, gênero de discurso e colonialidade de gênero são as chaves teóricas das quais nos utilizamos para uma visão mais acurada sobre os enunciados que compõem o relato de viagem de Saint-Hilaire, em sua passagem por Jaraguá. Esses conceitos situam nosso objeto de análise, qual seja a representação que esse viajante faz das mulheres locais. Com o foco na linguagem, iremos discutir os aspectos sociais, ideológicos e relações indidentárias da escrita desse explorador.

ANÁLISES

O relato que tomamos para discussão trata-se do capítulo XIX do segundo tomo da “Viagem às Nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goyas”, que faz parte da obra do viajante, botânico e naturalista e francês Auguste François César Prouvençal de Saint-Hilaire, “Viagens ao interior do Brasil”, de 1847. Saint-Hilaire integra um dos primeiros grupos de cientistas, vindos da Europa, para realizarem suas pesquisas e fazer explorações no Brasil Colônia, durante o século XIX. O estudioso, natural da cidade de Orleães, era pertencente da nobreza do interior da França e aos trinta e sete anos de idade, viajou pelo Brasil, financiado pelo seu país de origem e, escreveu importantes livros sobre os costumes e paisagens brasileiras do século.

Ao iniciarmos nossas observações sobre como esse viajante descreveu as pessoas de Jaraguá, com foco nas mulheres locais, temos em vista que a natureza verbal dos enunciados está moldada pelo contexto colonial e constitui um registro moral perpassado pelo padrão de civilidade presente na Europa oitocentista, com as características descritas por Lugones (2014). Como observa Penna (2012), em geral, a imagem brasileira era idealizada, impregnada de referências, mitos, preconceitos e estereótipos construídos na Europa.

O relato em análise começa descrevendo a região que cercava o então Arraial do Córrego do Jaraguá, (atual município de Jaraguá). Saint-Hilaire registra como a província era coberta de bosques e rodeada por montanhas, relevo que hoje tem o estatuto de Parque Ecológico da Serra de Jaraguá. De acordo com o viajante, o Arraial era populoso, mais de “duas mil almas”, e em proporções, poderia ser comparado à província de Meiaponte, atual Pirenópolis, porém com ruas irregulares, casas menores e mais simples

e com apenas duas igrejas, conhecidas como capela de São José e Nossa Senhora da Penha, atual Igreja Matriz.

Ele observa que o Garimpo era comum nesse período, embora as minas da cidade encontravam-se já esgotadas. Aparentemente cerca de quarenta pessoas livres ou escravizadas trabalhavam ainda na extração do ouro, e a migração para a cidade crescia de forma constante. Os habitantes viviam da agricultura, sendo que boa parte deles priorizavam a pecuária, voltando-se para a criação de gado; além disso, muitos dos trabalhadores focavam os engenhos de açúcar, realizando o trabalho mercantil dos produtos na capital da província.

Antes de adentrar o arraial onde atualmente se situa Jaraguá, o viajante relata uma passagem pelas cercanias, na região conhecida como Santo Antônio. É aí que ele faz a primeira menção às mulheres locais, quando narra os arranjos para seu alojamento:

José Mariano, que me precedera, pedira hospitalidade à habitação de S. Antônio, e uma negra lhe indicou uma pequena choça que estava desocupada. Quando cheguei, encontrei esse homem de péssimo humor, porque, dizia ele, queriam alojar-nos em um local cheio de pulgas e bichos de pé (*pulex pentrans*). Ficava tão desgostoso quando via o descontentamento pintado no rosto dos que me acompanhavam, que fui solicitar melhor abrigo. Um mulato garantiu-me que não havia outro para me dar, e, instigado por José Mariano, começava a me exaltar, quando chegou o dono da casa. Sua simplicidade me desarmou; fez varrer a casinhola que nos fora oferecida, e nela me alojei. (SAINT-HILAIRE, 1937, p. 60).

Escrito em pleno período escravocrata, o relato de Saint-Hilaire traz as marcas do contexto social vigente, em que divisões dicotômicas reservaram distinções hierárquicas desproporcionais não apenas entre homens e mulheres, mas entre civilizados e não civilizados, humanos e não humanos. Nessa divisão, os povos indígenas das Américas e da África, escravizados, não detinham o mesmo estatuto de humanidade dos europeus. Nomeações como “negra” e “mulato”, que o viajante aciona, marcam discursivamente sujeitos racializados e gendrados que não faziam jus a ocupar uma posição social de cidadão de respeito. Assim, a nomeação genérica, “uma negra”, indexa os aspectos hierárquicos de gênero, raça e classe da mulher que o viajante mencionou a caminho de Jaraguá.

Na sequência, Saint-Hilaire comenta uma exclamação de seu hospedeiro que nos dá mais uma vez uma ideia da condição feminina na região:

No meio da pequena discussão que tivemos a princípio, esse horado homem exclamou: “Antes me matarem do que porem os pés no quarto das minhas filhas!”. Nessa província, onde tantas mulheres se prostituem, um pai de família escrupuloso deve naturalmente usar dessa linguagem, uma vez que o costume exigido que uma pessoa do sexo que se quer respeitar conserve-se a distância, e não tenha nenhum contato com homens. (SAINT-HILAIRE, 1937, p. 60).

Nesse trecho, observa-se que o viajante realça a atitude do seu hospedeiro, reproduzindo a sua “linguagem”, que ele avalia como um indício da escrupulosidade de um pai de família que preza pela reputação e integridade de suas filhas. A referência a essas mulheres como “pessoa do sexo que se quer respeitar” invoca uma constituição genérica que reservou status de prestígio à mulher colonial, embasada pelo padrão europeu. Como observa Lugones (2014, p. 936), a mulher europeia burguesa não era entendida como um complemento do homem europeu, “mas como alguém que reproduzia raça e capital por meio de sua pureza sexual, sua passividade, e por estar atada ao lar a serviço do homem branco europeu burguês”. Assim, as mulheres respeitáveis referenciavam-se por essas condições e, especialmente, na função de reprodutoras. A fala do hospedeiro, nesse sentido, pode ter tido a dupla função de impressionar positivamente o viajante, anunciando a condição das mulheres da casa dentro do padrão de respeitabilidade e, ao mesmo tempo, resguardar de fato essas mulheres de qualquer avanço íntimo dos homens que o acompanhavam.

Ainda que a ressalva tenha sido supostamente bem-sucedida nesses aspectos, o relato deixa transparecer certo estranhamento sobre a organização social do Brasil colonial aos olhos do viajante. No que diz respeito à condição feminina, particularmente, Penna (2012) observa a prevalência de um olhar de intolerância em que as mulheres são por diversas vezes exemplificadas, principalmente no comportamento sexual, além de consideradas promíscuas. É o que se depreende do comentário do viajante, nesse mesmo trecho, sobre a prostituição na província.

Mais adiante, já chegado ao Córrego de Jaraguá, Saint-Hilaire ocupa-se em comentar os casos de doenças locais, avaliando que a hidropisia, um tipo de acumulação anormal de fluido nas cavidades naturais do corpo, e a morfeia, que se confundia com a hanseníase, eram as mais ameaçadoras. Nesse momento, ele menciona o caso de uma mulher doente que teria dado à luz uma criança saudável:

Consignarei aqui um caso médico que, sem dúvida, parecerá bastante notável. Quando me achava em Jaraguá, havia, na povoação, uma mulher branca que, embora vítima de morfeia, uma das moléstias mais horrorosas que se conhecem, concebera, e dar à luz uma criança branca, perfeitamente sadia. (SAINT-HILAIRE, 1937, p. 63).

Nesse trecho do seu relato o viajante marca, expressamente, a condição de cor da mulher doente, “uma mulher branca”, e da criança que nasceu saudável, “uma criança branca”. Se, como disse o próprio Saint-Hilaire, a morfeia não era muito rara, é possível que mulheres negras acometidas pela doença também tenham dado à luz crianças sadias. Mas, ainda que esse fosse o único caso envolvendo uma mulher doente e uma criança dela nascida com saúde, a referência racial de ambas indica a relevância desse marcador nas categorizações sociais da época. Por outro lado, é possível enxergar aí, uma perspectiva que muito se alinha a uma evidência reconhecidamente própria da nossa cultura, herdeira do contexto histórico que a forjou: a capacidade das pessoas brancas em atrair maior comoção e indulgência para suas mazelas.

Em qualquer dos casos, é muito patente no relato o destaque dado aos aspectos de nossa população ligados à ignorância, à pobreza e à insalubridade. Como observa Penna (2012), os viajantes descreviam a terra estrangeira, classificando tanto paisagens como pessoas, em um processo de apropriação discursiva que originava uma configuração nova, porém efetiva de conquista. Esses europeus articularam as dicotomias hierárquicas de gênero, raça e classe, em seus relatos, deixando entrever os meandros do projeto civilizador em curso, que não visava propriamente tornar os colonizados em seres humanos.

Pouco antes de deixar o Arraial do Córrego de Jaraguá, Saint-Hilaire registra o que lhe parece uma peculiaridade curiosa do comportamento das mulheres locais na igreja:

Antes de deixar Jaraguá ouvi missa na igreja principal, que achei bela e decorada com gosto. Segundo o costume, as mulheres ficam ajoelhadas na nave, todas envoltas em capas de lã, apenas com um lençinho simplesmente colocado na cabeça. Notei que, depois de tomarem os seus lugares, várias dentre elas tiravam os pantufos, e ficavam de pés no chão. Não estando, provavelmente, acostumadas a usar calçado em casa, apressavam-se em se libertar dele. (SAINT-HILAIRE, 1937, p. 65).

Pesquisas que se dedicam a análises dos relatos de viajantes do período colonial (PENNA, 2012; PRADO, 2014) têm mostrado que por diversas vezes a figura da mulher brasileira foi criticada ao se comparar seu comportamento com as mulheres europeias. Sem traçar uma comparação direta, o viajante faz uma inferência sobre o que avalia como uma pressa das mulheres em se libertar de suas pantufas, aludindo a uma questão de falta de costume. É uma observação que se funda em uma constatação prévia de que as mulheres não tiram sapatos ao irem à missa, como poderia ser o caso de suas concidadãs.

Como observam Souza e Freitas (2015), é recorrente nos relatos de Saint-Hilaire a descrição das mulheres ora como libertinas, ora como reclusas e pouco sociáveis. Para esses autores, essa ambiguidade é apenas aparente, pois o que o viajante vê é muitos tipos de mulheres, que a ele são estranhos por não responderem ao padrão eurocêntrico a que estava acostumado. São observações sutis, mas que revelam noções e posicionamentos do viajante europeu no projeto civilizatório de então, cuja meta “de transformação dos/as colonizados/as em homens e mulheres teria sido uma transformação não em identidade, mas em natureza, como observa Lugones” (2014, p. 938).

CONSIDERAÇÕES

Neste texto, empreendemos uma análise e discussão sobre uma das mais antigas fontes de pesquisa sobre o município de Jaraguá-GO, o relato de viagem do explorador europeu Auguste de Saint-Hilaire. Nosso foco recaiu sobre os trechos que relatam sobre as figuras femininas durante a sua passagem pelo então Arraial do Córrego de Jaraguá, ainda no início do século XIX. Tal perspectiva trouxe-nos a oportunidade de remontar a forma como foram descritas as mulheres jaraguenses nesse contexto remoto.

A análise, referenciada por uma intersecção entre estudos discursivos e estudos feministas, evidenciou como as categorias gênero, raça, classe e região se interseccionam no discurso do viajante, determinando as identidades dos sujeitos e suas estratificações hierárquicas. O relato projeta a população jaraguense de um modo geral como pobre, inculta, vulnerável às doenças pela condição de insalubridade. As mulheres, nesse quadro, fazem sua aparição por nomeações que aludem à cor, como “negra”, mulher “branca”; à inserção na estrutura patriarcal/colonial, como na sequência nominal “pessoas do sexo que se quer respeitar”.

Além de oportunizar esse panorama sobre Jaraguá e sua gente no período de sua fundação, revelando-nos as nuances da condição feminina naquele contexto, o trabalho ainda mostra como a linguagem é um fator de mudança social, como advoga

Fairclough (2001). Foi visto que as condições de linguagem se modificaram radicalmente nos dias atuais, em que determinadas manifestações discursivas não são mais cabíveis, por suas conotações consideradas racistas, misóginas, preconceituosas. Muito embora o racismo, a misoginia e os preconceitos mais diversos continuem presentes nas relações sociais da atualidade e sejam indexados na linguagem de outras formas. Como bem observa Lugones (2014, p. 939), “diferentemente da colonização, a colonialidade do gênero ainda está conosco; é o que permanece na intersecção de gênero/classe/raça como construtos centrais do sistema de poder capitalista mundial”.

Nossa exploração confirma o que Fairclough (2001) sugere, ao dizer que a exploração das tendências de mudança nas ordens de discurso pode trazer uma contribuição significativa aos debates atuais sobre mudança social. Nesse sentido, este texto é uma primeira investida por vias discursivas na direção do que nosso estudo visa empreender: visibilizar a identidade de diferentes mulheres jaraguenses que têm sido apagadas do olhar público ao longo da história.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Estadual de Goiás pela concessão de bolsa de Iniciação Científica.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikail. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

COSTA, Alessandra Mello da; BARROS, Denise Franca; CARVALHO, José Luis Felício. A dimensão histórica dos discursos acerca do empreendedor e do empreendedorismo. *Revista Administração Contemporânea*, Curitiba, v. 15, n. 2, p. 179-197, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rac/v15n2/v15n2a02.pdf>. Acesso em: 1 outubro de 2020.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança Social*. Brasília, Editora Universidade de Brasília: 2001.

FREITAS, Lucia Gonçalves de; OLIVEIRA, Gabrielle Ribeiro. As mulheres de Jaraguá-GO no relato de Auguste de Saint-Hilaire. VII Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG. Anápolis, 2020. Disponível em:

http://cdn.ueg.edu.br/source/unidade_universitaria_de_jaragua_96/conteudo/6947/Resumo_expandido_Cepe_Gabrielle.pdf. Acesso em: julho de 2021.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 22(3): 320, p. 934-952, 2014.

OLIVEIRA, Eveline Nogueira Pinheiro de; MOITA, Dimitre Sampaio; AQUINO, Cassio Adriano Braz de. O empreendedor na era do trabalho precário: relações entre empreendedorismo e precarização laboral. *Revista Psicologia Política*. São Paulo, v. 16, n. 36, p. 207-226, 2016.

PENNA, Rejane. Mulheres brasileiras pelos olhos de viajantes italianos. *Estudos Ibero-Americanos*, PUCRS, v. 38, supl., p. 326-334, 2012. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/12477/pdf_51. Acesso em: 1 outubro de 2020.

PRADO, Paulo Brito do. Mulheres goianas e a Organização Vilaboense de Artes e Tradições (OVAT): uma engenharia de silêncios. In: *ANAIS do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio*, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1399426062_ARQUIVO_MulheresgoianaseaOVAT-PauloBritodoPrado.pdf. Acesso em: 16 de junho de 2020.

SAINT-HILAIRE, Auguste François César Prouvençal de. *Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela província de Goyaz*. v. 2. São Paulo: Editora Nacional, 1937. (relato sobre Jaraguá p.59-63). Disponível em: http://cdn.ueg.edu.br/source/campus_jaragua_96/conteudo_extensao/10811/Passagem_de_August_de_SaintHilaire_por_Jaragua_no_esc_XIX.pdf. Acesso em: 16 de agosto de 2020.

SCHEMES, Elisa. A literatura de viagem como gênero literário e como fonte de pesquisa. In: *ANAIS do XXVIII Simpósio Nacional de História*, Florianópolis, 2015. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439245917_ARQUIVO_2.ARTIGOANPUH2015Elisa-Final.pdf. Acesso em: 16 de junho de 2020.

SOUZA, Celso Antônio Spaggiari; FREITAS, Rita de Cássia Santos. **Da inferioridade latente ao protagonismo compulsório**: o olhar de Saint-Hilaire sobre as mulheres das Minas Gerais no início dos oitocentos. *Revista Ártemis*, v. 19, p. 90-100, 2015.